

O CAPITALISMO ESTÁ CHEGANDO AO FIM?

Mauro Márcio Oliveira¹

KURTZ, Robert. Os últimos combates. Petrópolis: Editora Vozes, 1997: 394 p.

O livro, que reúne 31 artigos dispostos em cinco partes, foi publicado, originalmente, em 1991, na Alemanha. Um livro que se forma pela coleção de artigos e ensaios é difícil de ser resenhado, dada a variedade de temas abrangidos. São abordados por ele: a crise das esquerdas; o marxismo do pós-guerra na Europa; a globalização e o neoliberalismo; o papel dos trabalhadores em seus sindicatos; o movimento de maio de 1968, em Paris; a civilização do automóvel e o fordismo; a unificação européia; a mulher e o feminismo; o colonialismo; o fundamentalismo, entre outros. Nessas condições, resta pinçar alguns *insights* para mostrar aspectos das idéias do autor.

Já na primeira linha da apresentação, aparece o mote da obra: “O capitalismo está chegando ao fim”. O autor, ao longo de todos os ensaios, vai defender, explicar, analisar e concluir, de diferentes formas, por que a sentença lhe parece plausível. O estilo é combativo e lembra Marx, mas com a imagem invertida: naquele tempo, o anúncio de uma nova aurora para a humanidade em meio a derrotas e escombros; agora, a constatação do fim com aniquilamento, sem esperanças e sem alternativas.

A essência de suas críticas está no impulso capitalista de tudo vender, de tudo transformar em objeto de venda, em busca da valorização, e na mercadoria fetichizada que transforma o próprio homem em “ser produzido” pelo e para o capitalismo (“O carro ... consome o consumidor”, p. 364). Acredita o autor que a degradação social, a pobreza e a repressão em escala ampliada sejam frutos da relação entre dinheiro e mercadoria.

Kurz critica os rumos da esquerda (marxista) européia, por insistir na luta de classes como estratégia de transformação e por optar pela orientação estatal para a transformação, além de se associar ao socialismo de Estado do Leste Europeu e aos movimentos anticolonialistas do Terceiro Mundo, como se estivesse apoiando movimentos anticapitalistas. Na verdade, cada movimento,

¹ Eng. Agr., M.Sc., e-mail: mauromarcio@tba.com.br

a seu modo, era anticapitalista, não em termos da essência do processo de acumulação, mas relativamente ao caráter empírico assumido localmente. Com esse sentido, o marxismo dessa época não passou de “marxismo da modernização, imanentemente burguês, parte, ele mesmo, da história de implementação do capital” (p. 23).

O autor acredita que o marxismo clássico, por falta de condições de aprofundar a crítica da forma mercadoria, desviou-se para a política, por ele entendida como um sistema voltado para a implementação do moderno sistema produtor de mercadorias, sem nenhuma alteração da essência acumulativa do sistema.

Por sua vez, o Estado, enredado na modernidade da globalização, já não gasta muito por mal gerenciamento, mas por necessidade de manter o “nível civilizatório da modernidade” (p. 109), assim como a corrupção deixa de ser a causa para ser uma das conseqüências desse desregramento financeiro, caso em que o Japão tem oferecido exemplos freqüentes. Nesse contexto, a falência financeira do Estado pode tornar plausíveis argumentações em torno da condenação à barbárie de contingentes humanos que não apresentem “financiabilidade”. Afinal de contas, já se fala, escancaradamente, da “empregabilidade”, em cujo conceito é atribuída a culpa pelo desemprego ao trabalhador não-preparado.

Ainda com relação à globalização, o desafio substantivo é o descolamento entre a forma-mercadoria, essencialmente ilimitada, e o Estado nacional, essencialmente particular a uma dada sociedade, o que vai deslocá-lo de seu clássico papel de apoiador e regulador do processo de acumulação. Adverte para o risco da emergência do nacionalismo terciário, cuja base de lealdade é dada por elementos éticos, numa configuração desconhecida dos Estados dos séculos XIX e XX. Segundo o autor, “é um produto do desespero que assola a população das economias em desagregação do mercado mundial totalizado” (p. 61) e poderá trazer um grau de violência entre pessoas e grupos até então desconhecido ou amortecido. Por detrás de suas reflexões, circulam os exemplos da Eslovênia, da Croácia, da Sérvia, da Macedônia e, mais do que tudo, o potencial explosivo do islamismo que, com seu fundamentalismo religioso, pode desestabilizar enormes zonas do planeta. O drama do enfrentamento em bases étnicas e religiosas é que tais movimentos não possuem uma respectiva estrutura

econômica que os possa sustentar e levar à frente, o que produzirá, certamente, aniquilamento e destruição, sem acrescentar bases renovadas de sustentação das sociedades afligidas pelos embates.

Inelutavelmente, vinculado à globalização, o neoliberalismo é considerado pelo autor como o remédio que, para curar, mata o paciente. A propósito, o êxito dos Tigres Asiáticos não pode ser atribuído ao neoliberalismo, já que obtido às custas de forte apoio e controle estatal, sem contar que, por detrás desse êxito, há uma destruição considerável do meio ambiente e uma sobrecarga inaudita sobre a infra-estrutura. Comparando o neoliberalismo com o socialismo, diz o autor: “Alguém disse que o socialismo era uma idéia nobre, porém, não feita para o homem real. A economia de mercado globalizada nem chega a ser uma idéia nobre” (p. 125).

Na América Latina, a repressão estatal de governos militares autoritários funcionou como uma boa comparação para a oferta de liberdade de mercado, proposta pelo neoliberalismo. Na sociedade neoliberal, a liberdade é apenas a do dinheiro e nunca a solidariedade do povo em prol da melhoria de vida. A liberdade dos indivíduos significa, também, liberdade em relação ao mercado, o que é impossível de ser alcançado numa sociedade de produção de mercadorias fetichizadas.

Os acontecimentos do maio parisiense de 68 enfeixam-se como outro tema para comentários e, neste ano de 1998, motivo de louvação construída pelo cérebro da imprensa. Ao contrário da vasta vaga midiática a favor dos resultados desse movimento, para Kurtz, o maio de 68 parisiense constituiu “um breve avanço rumo a um horizonte desconhecido, para então ser compelido pela massa inerte da consciência monetária a regressar à forma de circulação burguesa, cuja incessante reforma resta como o único e exclusivo objetivo lastimavelmente imanente”, (p. 292). Segundo o autor, por trás da juventude rebelde de classe média e, obviamente, também dos trabalhadores, escondia-se um sólido núcleo pequeno-burguês, tanto assim que, na maioria “das cabeças de 68, a lei férrea do dinheiro permaneceu intocada em sua validade...”(p. 296).